



A SOCIABILIDADE E A APROPRIAÇÃO PELOS MORADORES DE PUERTO IGUAZÚ – ARGENTINA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER COSTANERA E MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS

SOCIABILITY AND APPROPRIATION BY THE RESIDENTS OF PUERTO IGUAZU - ARGENTINA FROM THE PUBLIC SPACES CALLED COSTANERA AND THREE FRONTIERS LANDMARK

Gilma Fernandes¹
Sancléya Evanessa de Lima²
Sergio Paulo de Oliveira³

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a apropriação e a percepção dos moradores da cidade de Puerto Iguazú – Argentina quanto aos espaços públicos denominados Costanera e Marco das Três Fronteiras, ambos de relevância para a população, sendo este último um ponto de visitação turística com visibilidade internacional. Para tanto, este trabalho inicialmente apresenta contribuições teóricas de diversos autores que dialogam sobre assuntos pertinentes ao tema, com ênfase à temática de fronteira e ao contexto histórico em que se inserem os objetos de estudo. Além disso, a metodologia utilizada se completa com um trabalho de observação *in loco* seguido de pesquisa de campo, através da aplicação de questionários específicos aos frequentadores desses locais. Verifica-se que os mesmos, através de suas respostas, manifestaram seu sentimento de pertencimento, identificação e apropriação desses equipamentos públicos. Por fim, efetuou-se a análise dos dados coletados com vistas a compreender as memórias, a importância e o significado da Costanera e do Marco das Três fronteiras para a comunidade local.

Palavras-chave: Apropriação; Moradores; Fronteira; *Costanera*; Marco das Três Fronteiras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the appropriation and perception of the residents of the city of Puerto Iguazu - Argentina regarding public spaces called Costanera and, Three Borders Landmark both of relevance to the population, the latter being a tourist visit point with international visibility. To this end, this work initially presents theoretical contributions by several authors who discuss issues relevant to the theme, with an emphasis

¹Gilma Fernandes, Pedagoga, mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Foz do Iguaçu. Contato: gilmafernandes@hotmail.com

²Sancléya Evanessa de Lima, professora de Educação Física, mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/ Foz do Iguaçu. Contato: lima.san@bol.com.br

³Sergio Paulo de Oliveira, professor de língua portuguesa, literatura e redação, mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. Contato: prof.sergio2021@hotmail.com



on the border theme and the historical context in which the objects of study are inserted. In addition, the methodology used is completed with on-site observation work followed by field research, through the application of specific questionnaires to the visitors of these places. It appears that they, through their responses, expressed their feeling of belonging, identification and appropriation of these public facilities. Finally, the data collected was analyzed in order to understand the memories, the importance and the meaning of the Costanera and Three Borders Landmark for the local community.

Keywords: Appropriation; Residents; Border; *Costanera*; Three Borders Landmark.

INTRODUÇÃO

O longo acúmulo de transformações na vida das pessoas, ocorridas com o transcurso do progresso, acarretou uma significativa alteração na relação do tempo de trabalho e do tempo livre. No século XVII, preponderava no Brasil uma economia pautada na mineração e no cultivo da cana de açúcar sendo este realizado com o emprego do trabalho escravo, enquanto que, na mesma época, na Argentina havia a mineração de prata com utilização do trabalho indígena.

Ao se referir ao trabalho naquela época, Foucault (1999) cita que muitas pessoas tinham ritos especiais, como por exemplo, ao chegar ao trabalho de manhã, lavar as mãos antes de começar as funções e rezar oferecendo o trabalho a Deus, fazendo o sinal da cruz. Ainda no século XIX, com intuito de utilizar populações rurais na indústria, essas pessoas foram enquadradas em “fábricas-conventos”, por meio de oficinas, com objetivo de acostumar esses indivíduos na função operária. O trabalho, ao longo do período colonial, ocupava integralmente a vida das pessoas que não pertenciam às elites, tanto dos escravos quanto dos trabalhadores livres.

Com a Revolução Industrial, no século XVIII e mais particularmente no século XIX, houve um princípio de transformação na relação do homem com o trabalho, pois algumas funções que eram executadas pelo ser humano passaram a ser realizadas pelas máquinas. Dessa maneira, no transcorrer dos séculos, impulsionado pela luta dos trabalhadores em grande parte dos países, o tempo da jornada de trabalho foi reduzido e o tempo livre foi aumentando paulatinamente, propiciando outras demandas no dia-a-dia dos indivíduos, trazendo outras formas de entender e se apropriar da vida no cotidiano.

Russell (2002, p. 30), afirma que “o processo educativo da modernidade, só preparou as pessoas, com exceção da elite, para o trabalho”. Russell ainda argumenta que, apesar da classe ociosa desfrutar de vantagens que despossuíam de qualquer fundamento de justiça, não se pode negar a sua contribuição para o que hoje chamamos de civilização, pois foi esta classe que cultivou a arte, descobriu a ciência, inventou a filosofia e aperfeiçoou as relações sociais. Para Russel, sem a classe ociosa, a humanidade nunca teria emergido da barbárie. Russell ressalta os demais indivíduos que trabalhavam para que os membros dessa classe minoritária desfrutassem de outras oportunidades.

Neste sentido, historicamente é possível entender que:





Embora na fase primitiva da acumulação capitalista “a economia política não visse no *proletário senão o operário*” que deveria receber o mínimo indispensável para a conservação da sua força de trabalho, sem nunca ser considerado “nos seus lazeres, na sua humanidade”, esta posição de ideias da classe dominante inverte-se assim que o grau de abundância atingido na produção das mercadorias exige um excedente de colaboração do operário. Este operário, completamente desprezado diante de todas as modalidades de organização e vigilância da produção, vê a si mesmo, a cada dia, do lado de fora, mas é aparentemente tratado como uma grande pessoa [...] sob o disfarce do consumidor (DEBORD, 2003, p.33).

Dessa forma, ainda de acordo com o autor “o *humanismo da mercadoria* toma a cargo os ‘lazer e humanidade’ do trabalhador” de modo que ‘a negação da humanidade’ é agora a negação da totalidade da existência humana (DEBORD, 2003, p.33).

Na contemporaneidade, entretanto, faz-se necessário pensar em processos educativos de qualidade para todos que envolvam os valores criativos e de descoberta, com referência nos diversos coletivos. As categorias tempo, espaço, competição, solidariedade, ecossistema, qualidade de trabalho etc. estão se reestruturando e, nesta perspectiva, as atividades com valores puramente econômicos estão cedendo espaço para valores mais hedonistas, de novos comunitarismos e a educação, por sua vez, tem muito a construir com estes novos valores (DE MASI, 2000).

Mesmo com todas as mudanças já estabelecidas e outras iniciadas com a industrialização, a tecnologia, o individualismo e as demandas de consumo do capitalismo, tem se demonstrado cada vez mais necessário discutir novas posturas no sentido de ocupar o tempo livre das pessoas através de perspectivas que se inserem no lazer e na sociabilidade delas e que trazem preocupações quanto à estrutura, perfil de espaços públicos de lazer e manifestações culturais, tendo em vista que esses ambientes estão ligados diretamente à qualidade de vida do ser humano, cabendo enfatizar que essa responsabilidade, em princípio, compete principalmente ao poder público sendo que o seu cumprimento deve ser exigido pela sociedade.

Dessa maneira, é importante o senso crítico em relação à percepção do tempo de trabalho e do tempo de lazer que interferem em todas as esferas da existência humana, afetando a qualidade de vida dos indivíduos. Neste sentido, De Masi (2000, p. 326) orienta que “é preciso educar os indivíduos não só para perceber o significado do trabalho, mas também para a diversidade do ócio, e ensinar a evitar a alienação que pode ser provocada tanto pelo tempo livre, quanto pelo tempo de trabalho”.

Na concepção de Marcellino (1983), os interesses de lazer são divididos em artísticos, intelectuais, manuais, físicos e sociais. Entretanto, por seu turno, o sociólogo brasileiro Camargo (1986), acrescenta um sexto grupo de conteúdos culturais de lazer, caracterizado pelos interesses turísticos.

Nesse aspecto, os espaços de lazer são normalmente espaços culturais e sociais de entretenimento a exemplo da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras na Cidade de *Puerto Iguazú*, na Argentina. Destaque-se que esses espaços específicos refletem uma história típica do lugar, congregando signos, paisagem, estrutura e relacionamentos sociais próprios. Devido





a estes pontos turísticos estarem numa fronteira, outras leituras também são passíveis de serem realizadas.

A Costaneira, em *Puerto Iguazú* - Argentina se encontra próxima e no prolongamento do Marco das Três Fronteiras localizado na margem esquerda do Rio Iguazu, possuindo uma pista de 800 metros de extensão que acompanha esse espaço equipado com bancos para as pessoas se sentarem, parque infantil com atrativos para as crianças brincarem e alguns monumentos que representam figuras de pessoas que fizeram parte da história de *Puerto Iguazú*. Esse cenário possibilita a visualização de uma paisagem que combina o verde da natureza com o rio Iguazu, a ponte que liga o Brasil à Argentina e parte do território dos três países (Argentina, Brasil e Paraguai).

Por sua vez, o Marco das Três Fronteiras argentino, que também se discute no estudo, é considerado um ponto turístico em que se pode visualizar os marcos similares nos outros dois países; Brasil e Paraguai, sendo que os mesmos estão localizados respectivamente nas cidades de *Puerto Iguazú*, Foz do Iguazu e Presidente Franco. Praticamente no centro desse atrativo turístico encontra-se um chafariz, um mirante, um estacionamento e um complexo comercial com lojas de *souvenirs* e alguns vendedores ambulantes comercializando produtos diversos.

Com intuito de compreender a apropriação e a percepção de dois grupos de moradores da Cidade de *Puerto Iguazú*, em relação aos espaços da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras, a presente pesquisa teve como propósito realizar um levantamento quantitativo de dados, problematizar e elaborar uma discussão qualitativa a partir dos resultados obtidos, de forma a relacioná-los com autores que tratam das questões voltadas à temática. Assim, foi realizada a observação *in loco* dos espaços, em seguida uma pesquisa de campo acerca do cotidiano de pessoas que habitam a cidade de *Puerto Iguazú*, na Argentina e que frequentam a Costaneira e o Marco das Três Fronteiras. Ressalte-se que o público entrevistado se encontra na faixa etária entre 20 e 40 anos. Registre-se também que para levantamento desses dados foram aplicados, pelos autores desse estudo, 30 questionários sendo 15 aplicados na Costaneira e os demais 15 questionários aplicados no Marco das Três Fronteiras.

Os estudos iniciais dessa pesquisa foram apresentados no II Seminário Internacional sobre Preservação do Patrimônio Cultural em Território Trinacional (II SIPPAT), no dia 13 de novembro de 2019, em Puerto Iguazu, na Argentina, com o título: A Apropriação dos Espaços Públicos de Lazer e a Sociabilidade na Margem Esquerda do Rio Iguazu pelos Moradores da Cidade de *Puerto Iguazu* na Argentina. A apresentação inicial do trabalho foi importante no sentido de mostrar caminhos para maiores reflexões sobre a pesquisa e assim os pesquisadores entenderam a necessidade de alguns ajustes nos conteúdos e modificaram o título do trabalho para: A Sociabilidade e a apropriação pelos moradores de *Puerto Iguazu* – Argentina dos Espaços Públicos de Lazer Costaneira e Marco das Três Fronteiras.



ELEMENTOS HISTÓRICOS DA COSTANEIRA E DO MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS

A Argentina, assim como todos os demais povos da América Latina, sofreu o processo de colonização pelos espanhóis que chegaram a várias regiões do país implementando formas de dominação, entre elas, a própria cultura que, de vários modos, foi imposta pelo colonizador, ora sobrepondo e ora mesclando-se com a cultura local, num processo de hibridização cultural⁴. A história da colonização dos países latino-americanos tem características similares, ou seja, todos passaram pelo processo de exploração e colonização europeia.

De acordo com Silva (2017), as sociedades, muitas vezes, passam por processos de colonização e, ao longo do tempo, pelo processo de descolonização que pode ser seguido de colonização interna e externa, dessa forma, o colonizado acaba virando colonizador do seu próprio povo.

Quanto a costumes culturais anteriores, Oliveira (2016) apresenta o seguinte exemplo:

As famílias de mamelucos, que descendem também dos filhos da terra, apesar da conversão e do silenciamento em relação a costumes anteriores, continuam a criar na vida doméstica, dentro da sociedade colonial, espaços de sociabilidade, afetividade e valores distintos daqueles dos europeus (OLIVEIRA, 2016, p. 21).

A Costaneira e o Marco das Três Fronteiras são exemplos de lugares turísticos significativamente frequentados que permitem a observação de espaços de sociabilidade, afetividade e valores próprios da cultura local inseridos numa região de fronteira. Nas palavras de Mignolo (2015), as fronteiras comportam características próprias, formas distintas de habitar os lugares, devido a processos históricos de pensar e sentir a descolonização.

Acerca dos aspectos característicos da fronteira, Martins (1996) argumenta que:

À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas, o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (MARTINS, 1996, p. 27).

Vares (2002) entende que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas e de referência mental que guiam a percepção da realidade. Nesse sentido, são produtos da capacidade única de representação de um mundo paralelo de gestos

⁴Mistura de culturas que parte de um processo histórico-cultural iniciado desde os primeiros deslocamentos de pessoas em diferentes contextos.



por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo.

As fronteiras, de um modo geral, contemplam distintos costumes, maneiras de desfrutar os espaços, de socializar que recebem influências da memória e identidade coletiva, peculiares de cada lugar, país e região. Neste aspecto, Vares (2002), contribui com a seguinte reflexão:

Pensamos que não é correto buscar uma identidade em que desapareçam as particularidades. O universal só pode ser compreendido na medida em que o singular permanece. E essa superação de fronteiras [...] só pode ser efetiva e enriquecedora se as linguagens particulares permanecerem. Se o argentino continuar sendo argentino, se o uruguaio continuar sendo uruguaio, se o brasileiro continuar sendo brasileiro e, no universo brasileiro, o gaúcho continuar sendo gaúcho com a sua linguagem, com a sua concepção de vida. Então sim, aí é possível se falar em uma integração (VARES, 2002, p. 25).

Na fronteira, território argentino, *Puerto Iguazú* apresenta peculiaridades muito próprias, sendo que alguns pontos turísticos da cidade integram particularidades da história regional. *Puerto Iguazú* conta com o turismo das Cataratas do Iguazu, da Costaneira, do Marco das Três Fronteiras, da gastronomia, dos cassinos, dentre outros atrativos. Mesmo assim, segundo Cardin (2010), *Puerto Iguazú* é um pequeno município turístico com pouca expressividade na economia Argentina, principalmente voltado para a produção de produtos artesanais e alimentícios.

No que se refere ao monumento do Marco das Três Fronteiras, verifica-se que o mesmo se trata de um obelisco fixado em cada um dos três países ostentando as cores predominantes da bandeira nacional a que pertence. O triângulo visualizado pelo obelisco fixa o limite do território e demonstra a soberania de cada país no seu território. O Marco argentino se situa na cidade de *Puerto Iguazú*, margem esquerda do Rio Iguazu, de forma a propiciar a visualização do encontro das águas dos Rios Paraná e Iguazu. O espaço ainda comporta 10 quiosques de artesanato e artefatos da cultura local e lanchonete. Também é possível se observar a presença de vendedores ambulantes que dispõem de barraquinhas próprias para vendas de produtos diversos. Além desses espaços, há ainda o estacionamento, o marco e o mirante, lugar de onde pode ser contemplado o Espaço das Américas na margem brasileira.

De acordo com moradores e comerciantes daquele espaço, os quiosques são ocupados por famílias antigas que se fixaram naquele local há muito tempo, onde pagam um aluguel bem como as demais despesas advindas no valor mensal de 15 mil pesos argentinos. Para o restante das pessoas que comercializam seus produtos naquele local, exige-se um cadastro e nenhum valor precisa ser pago para o município.

As imagens a seguir mostram o Marco Argentino em diferentes épocas. Pode-se verificar que, antes da revitalização – cuja última fase foi concluída em julho de 2015 - havia predominantemente um espaço de natureza, com um local para hasteamento de bandeiras e o marco propriamente dito, cercado por árvores. Ao longo do tempo, o poder público foi





incorporando novos atrativos, como o “Show das Águas”, calçamentos com bancos e espaços de contemplação da paisagem, dentre outros equipamentos públicos objetivando a atração de pessoas para o local. Desta maneira, houve uma considerável transformação do entorno do marco permitindo novas formas de utilização do mesmo pela comunidade, ao mesmo tempo em que se modificou a característica da vegetação.

Figura 1 – Marco das Três Fronteiras em dois momentos



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Na mesma margem, localiza-se a Costaneira, espaço de lazer e de sociabilidade ao qual moradores da cidade de *Puerto Iguazú* e turistas se dirigem para desfrutar do ambiente de várias maneiras.

Na Costaneira, após a revitalização, nos paredões que enfeitam a avenida, do lado oposto ao mirante, é possível visualizar desenhos e pinturas que simbolizam as raízes indígenas do povo argentino através de imagens da cultura desses povos gravadas naquele local, com frases relacionadas em guarani. Esta observação traz a contradição da história vivida na Argentina e em outros países, pois, segundo Martins (1996), a frente pioneira não levou em consideração o indígena, tendo como referência outros grupos étnicos. Esses grupos étnicos não reconheceram a cultura indígena e trouxeram pré-conceitos que os marginalizaram, colocando-os como detentores de uma cultura inferior à deles.

Por meio de uma reflexão das gravuras observadas na Costaneira (que retrata imagens de um grupo étnico marginalizado na história argentina) e a sua demonstração/exposição em uma área de bastante visibilidade para a cidade, torna-se possível depreender que esteja havendo uma outra leitura do indígena, ou esta construção é parte, segundo Chiappini (2002), apenas de uma proposta do novo milênio, que é a atenção para o multiculturalismo, ocorrido na segunda metade do século XX, como um paliativo para diminuir os efeitos da segregação.



Registre-se que o termo Multiculturalismo possui sua raiz na Europa e foi cunhado justamente para definir quem são os “outros”, ou seja, a Europa determina quem é o Terceiro Mundo e com isso insere no seio da resolução dos problemas entre desenvolvidos e subdesenvolvidos um eufemismo para tentar disfarçar que há uma discussão perene entre ambos. Conforme Moreira e Candau (2008), assim sendo, partimos para uma discussão integradora, mas que foi criada como definidora de papéis pela Europa, caracterizando assim o eurocentrismo, isto é, em síntese, nos vemos com os olhos que a Europa quer que nos vejamos.

No caso dos índios que resistiram ao grande massacre, a defesa dos princípios e ações multiculturais tem levado a uma retomada da visibilidade da herança indígena, provocando uma revisão crítica do passado, tentativas de reparação e, da parte de muitos cidadãos, a busca e reconhecimento de suas origens direta ou indiretamente ligadas a essa herança étnica e cultural (CHIAPPINI, 2002, p. 45).

Ao lado das figuras dos indígenas, estão expostas no *Paseo de los músicos* treze caricaturas de artistas argentinos.

Figura 2 – Representações iconográficas na Costaneira



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Logo na sequência da imagem anterior, encontra-se exposta a figura de Guillermo Isidoro Larregui Ugarte, conhecido como *Vasco de la Carretilla*; monumento no qual se relata a história desse personagem folclórico da cultura local que se tratava de um homem nascido na Espanha que fez longas viagens na província argentina, e até mesmo a países vizinhos,



com um carrinho de mão em que levava os seus pertences e, após essas experiências, se estabeleceu no Parque Nacional do Iguaçu.

Neste mesmo local, ainda é possível se visualizar o monumento de um desbravador importante da história local, o Espanhol Álvar Núñez *Cabeza de Vaca*; o primeiro “homem branco” que chegou às Cataratas do Iguaçu. A história desse personagem também é contada naquele espaço.

Figura 3 – Monumentos na Costaneira



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Na Costaneira, projetou-se um ambiente peculiar para a utilização composto por um restaurante, um anfiteatro, equipamentos recreativos (parquinho) para as crianças, bancos para as pessoas conversarem, espaço para o exercício físico, possibilidade de conexão com a internet. Ressalte-se que a esse conjunto de recursos se soma a visualização da natureza por meio do extenso mirante, além de outras apropriações daquele espaço, como passeios de barco, visitação a uma antiga embarcação ancorada ao longo da margem, entre outras opções de lazer.

Figura 4 – Espaço recreativo na Costaneira



Fonte: Acervo pessoal dos autores



Verifica-se que, especialmente em espaços públicos de grande circulação como no caso da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras, essa referência, por meio da arte e dos monumentos, pode ser também compreendida como preservação de memória e história dos povos.

Dessa forma, torna-se possível observar que esses espaços de sociabilidade comportam uma memória e identidade próprias, construídas historicamente, que nem sempre são histórias relacionadas aos povos originários do lugar, mas que, por algum motivo, busca dar sentido a determinados personagens. Segundo Pollak (1992), o primeiro aspecto dos elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são os acontecimentos vividos individualmente, em segundo lugar os acontecimentos “vividos por tabela”, que são experiências vividas pelo grupo ou pela coletividade às quais as demais pessoas se sentem pertencer. Dessa forma é possível entender que:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 2).

Nora (1993) contextualiza os “lugares de memória” como uma prática de se preservar aquilo que não pode ser visto, mas que, por meio do concreto - que são os monumentos, os espaços físicos - essa memória é reconstruída. O autor denuncia a modernidade, pois segundo ele a história vive uma memória reconstruída e que os “lugares de memória” têm a obrigação de identificar o sujeito contemporâneo na história. Assim, a memória cria suas raízes no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Por conseguinte, a partir das concepções do autor, entende-se que a memória é o absoluto e a história o relativo.

O LAZER E A SOCIABILIDADE NA COSTANEIRA E NO MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS

A pesquisa de campo que dá sustentação a este trabalho científico foi realizada no 1º semestre de 2019 e contou com a observação dos locais e a participação espontânea e sem identificação de 30 pessoas moradoras da Cidade de *Puerto Iguazú*, na Argentina, na faixa de idade entre 20 e 40 anos. Procurou-se uma variação equitativa de idades dentro desta faixa etária nos dois locais, sendo que no momento da pesquisa, 15 dos participantes estavam no local da Costaneira e as outras 15 pessoas, no Marco das Três Fronteiras. Dessa forma, os





pesquisados responderam a 11 questões (objetivas e subjetivas) direcionadas ao local onde estavam presentes. O questionário foi aplicado no idioma próprio do local, o espanhol.

Procurou-se aplicar os questionários com pessoas de ambos os sexos, sendo que na Costaneira foram 7 pessoas do sexo masculino e 8 do sexo feminino, já no Marco das Três Fronteiras foram 8 pessoas do sexo masculino e 7 do sexo feminino. As profissões a que pertencem os entrevistados nos diferentes espaços são diversas, sendo elas: secretária, funcionário público, economista, analista de sistemas, policial, estudante, mestre de obras, dona de casa, entre outras. Dessa maneira, percebeu-se que a classe social dos usuários dos dois espaços também é diversa, bem como as motivações para frequentar esses locais.

A seguir, os gráficos (1 e 2) ilustram a frequência com que os habitantes da cidade frequentam a Costaneira e o Marco das Três Fronteiras.

Gráficos 1 e 2: Com que frequência vai à Costaneira (1) e ao Marco das Três Fronteiras (2)



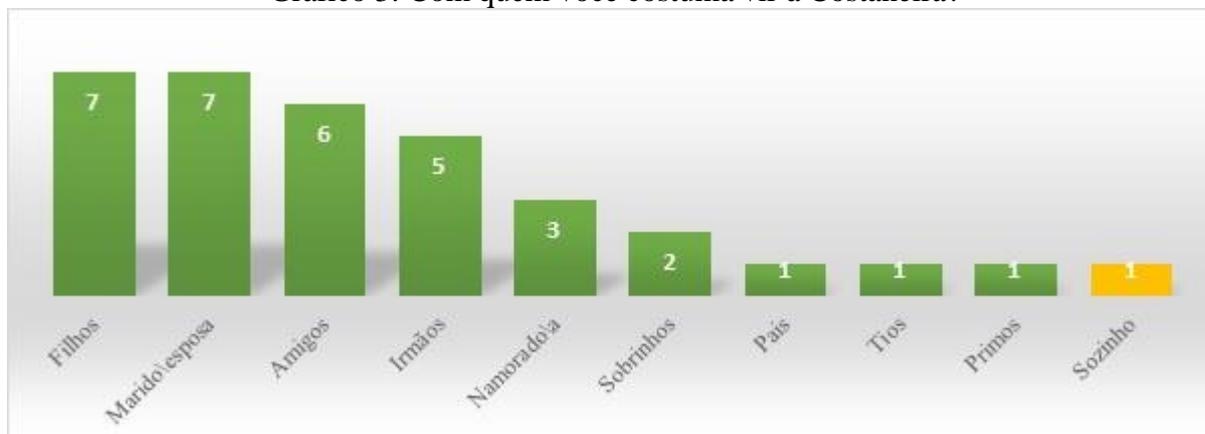
Fonte: Elaboração própria dos autores

Pode-se perceber que os resultados nos dois espaços públicos não apresentaram diferenças significativas quanto à frequência de utilização, sendo que o uso diário e semanal dos espaços foi o que se destacou. Verificou-se também que, numa média geral dos pesquisados, a Costaneira acaba sendo mais frequentada pelos moradores da cidade do que o Marco das Três Fronteiras.

Os gráficos seguintes (3 e 4) demonstram com quem os participantes compartilham os espaços da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras.

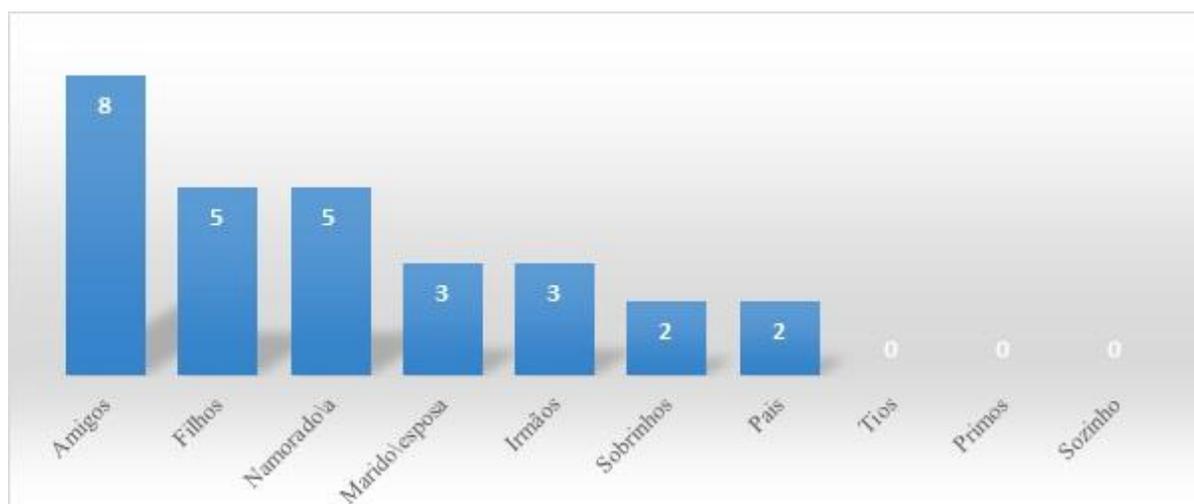


Gráfico 3: Com quem você costuma vir à Costaneira?



Fonte: Elaboração própria dos autores

Gráfico 4: Com quem você costuma vir ao Marco das Três Fronteiras?



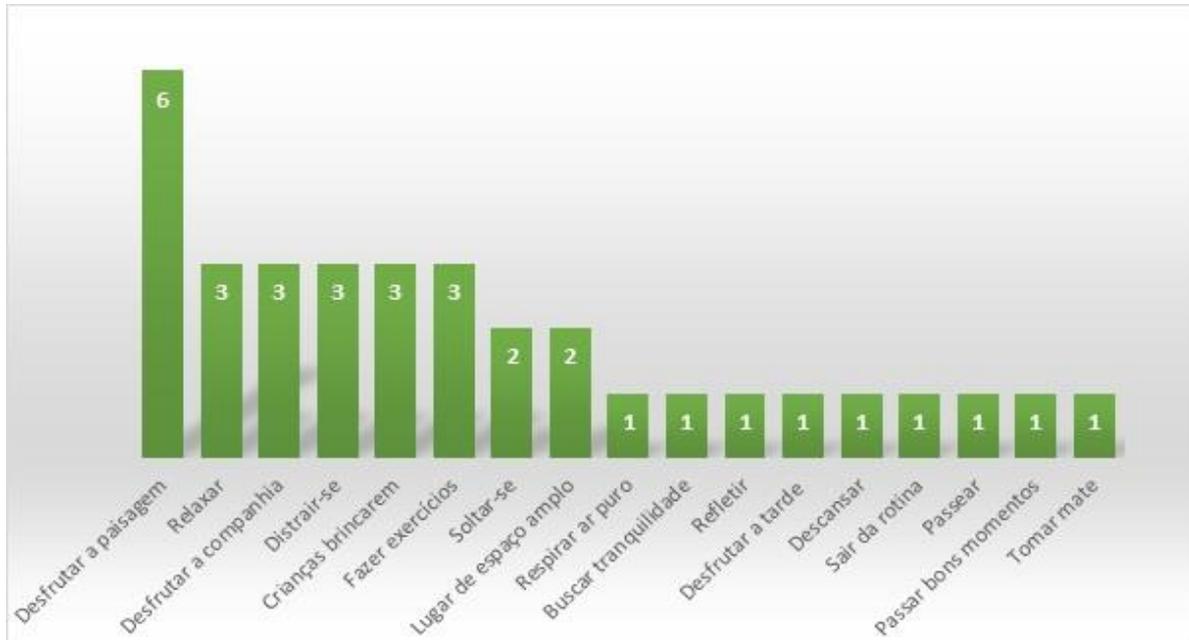
Fonte: Elaboração própria dos autores

Diante dos dados obtidos, fica evidente que esses espaços públicos são locais de bastante sociabilidade, pois apenas uma pessoa respondeu que vai sozinha à Costaneira, enquanto que com relação ao Marco das Três Fronteiras não houve nenhuma resposta nesse aspecto. Assim, verifica-se que são ambientes familiares e de amizade. Destaque-se que no que diz respeito a ir com os familiares, a Costaneira se destacou em Relação ao Marco das Três Fronteiras.

A questão seguinte demonstra, através dos gráficos (5 e 6), as razões pelas quais os pesquisados frequentam a Costaneira e o Marco das Três Fronteiras.

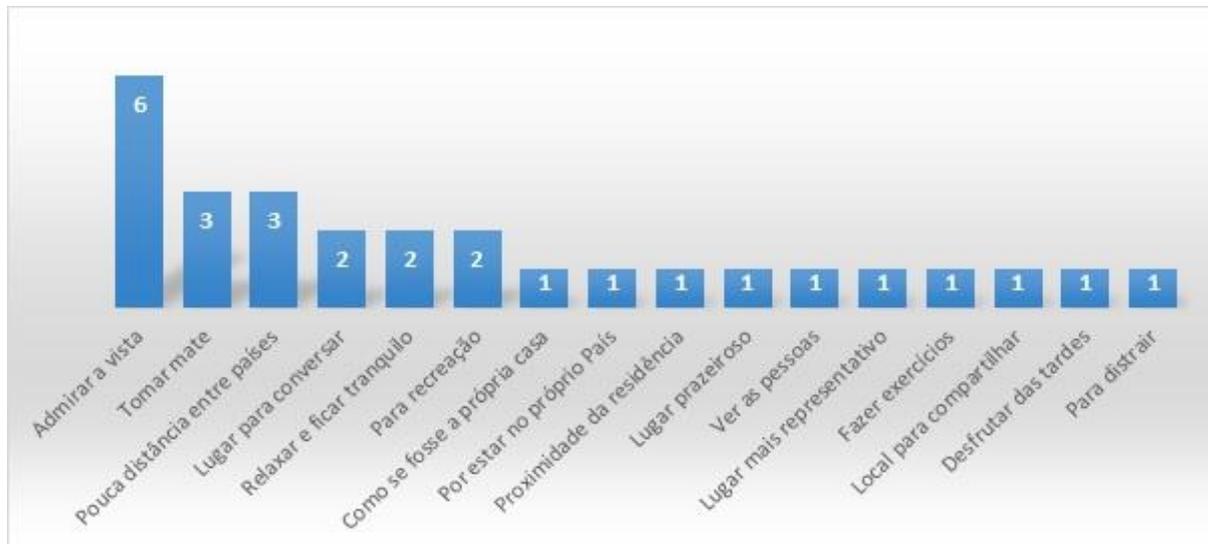


Gráfico 5: Razões para frequentar a Costaneira



Fonte: Elaboração própria dos autores

Gráfico 6: Razões para frequentar o Marco das Três Fronteiras



Fonte: Elaboração própria dos autores



Nota-se que quase todas as pessoas envolvidas na pesquisa indicaram mais de uma razão para frequentar a Costaneira e o Marco das Três Fronteiras. Todavia, a estética do ambiente, como uma forma de contemplação da natureza e da paisagem, destacou-se em ambos os locais como razão principal para frequentá-los.

Dessa forma, as pessoas se dirigem à Costaneira, principalmente, para desfrutar a paisagem; em segundo lugar, para relaxar; desfrutar a companhia; distrair-se; levar as crianças para brincar e fazer exercícios físicos. Nesse caso, os exercícios físicos mais frequentes são a caminhada e a corrida. Em terceiro lugar, o motivo que leva os entrevistados à Costaneira é porque se trata de um lugar com espaço amplo que permite maior liberdade para realizar várias atividades ao ar livre, ou seja, conforme dito pelos entrevistados; permite à pessoa “se soltar”. Em quarto lugar, foi obtida uma diversidade maior de respostas, tais como: respirar ar puro; buscar tranquilidade; refletir; desfrutar a tarde; descansar; sair da rotina; passear; passar bons momentos; tomar o mate ou o tererê (refresco de mate - que é um hábito da cultura local), aliás, outros hábitos da cultura local são observados nos momentos de lazer. Tais respostas demonstram a efetiva apropriação do espaço por parte da comunidade e, mesmo a escolha de muitos sendo por um lugar em comum, percebe-se que há variados interesses que os atraem até lá.

No Marco das Três Fronteiras, duas atividades se destacaram como segunda motivação para a visita, sendo elas: tomar mate - ou propriamente o tererê – e a pouca distância entre Argentina, Brasil e Paraguai o que, por sua vez, permite que se visualizem paisagens bastante diversas dos três países. Quanto ao mate, destaque-se que o mesmo se trata de um hábito profundamente enraizado na cultura dos argentinos que utilizam esta prática para socializar de maneira lúdica. Em terceiro lugar, foi mencionada a possibilidade de conversa, relaxamento e, com isso, a busca da tranquilidade para desfrutar a tarde, além da importância que o espaço traz para a recreação, principalmente para as crianças. Na sequência, citou-se o encontro de culturas distintas que frequentam esse local, não somente dos três países da Tríplice Fronteira, mas de diversos outros países.

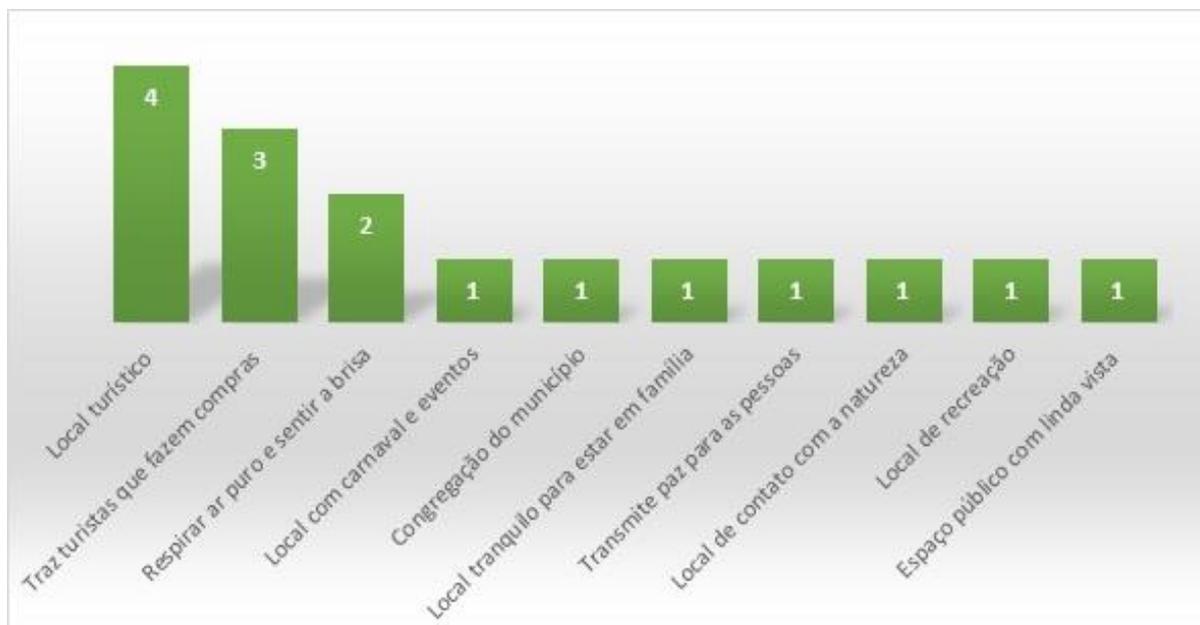
No que concerne às demais respostas, houve uma demonstração de identidade e pertencimento ao local materializadas em respostas, tais como: o Marco das Três Fronteiras é como se fosse a própria casa, pois está no próprio país, a facilidade de acesso, a proximidade com a própria residência, que é um dos lugares mais representativos da cidade, isto é, manifestações que demonstram relação com questões de territorialidade representada pelo obelisco que simboliza o local.

Enfim, as respostas a essa questão demonstram que ambos os espaços se constituem também numa forma de fuga, isto é, para onde a comunidade se dirige na busca de se libertar da rotina do trabalho havendo uma percepção dos lugares como sendo convidativos para atividades que ensejam o bem-estar.

Os próximos gráficos (7 e 8) discorrem acerca da importância da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras para a cidade e os habitantes de *Puerto Iguazú*.

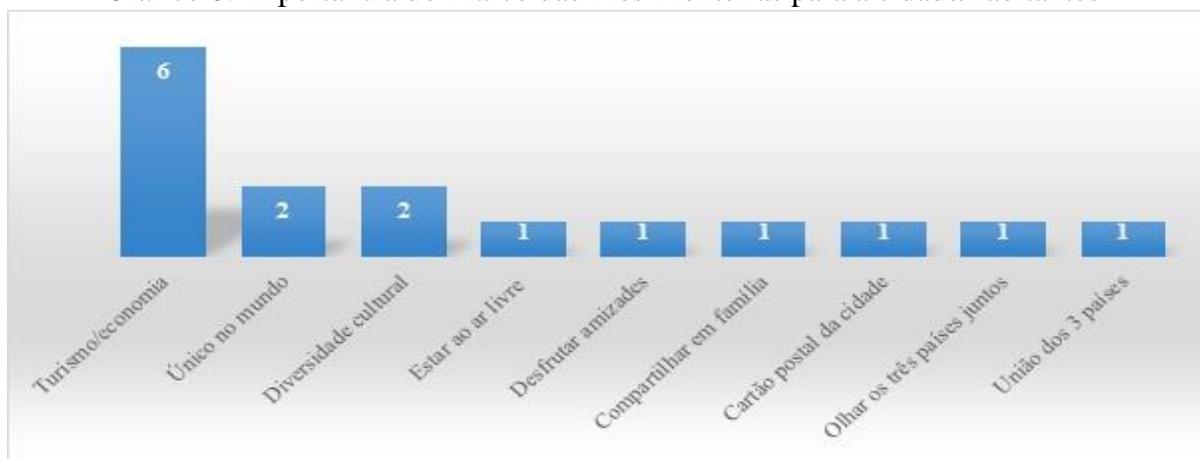


Gráfico 7: Importância da Costaneira para a cidade/habitantes



Fonte: Elaboração própria dos autores

Gráfico 8: Importância do Marco das Três Fronteiras para a cidade/habitantes



Fonte: Elaboração própria dos autores

O primeiro ponto citado sobre a importância da Costaneira para a cidade e os habitantes denota que a mesma se trata de um ponto turístico importante para o lazer das pessoas, principalmente dos seus moradores, além de atrair turistas. Em segundo lugar, as



respostas obtidas sobre a Costaneira dizem respeito à importância para a economia em função dessa citada atração de turistas para fazer compras na cidade e região. Em terceiro lugar, por se tratar de um local que permite um contato maior com a natureza, ou seja, um lugar para respirar ar puro e sentir a brisa do rio, livre da poluição. Em quarto lugar, as respostas sobre a importância do espaço da Costaneira para a cidade e os habitantes enfatizam que o mesmo se constitui em um local com as seguintes características: onde se faz o carnaval e os eventos da cidade; onde se permite o encontro das pessoas do município; bom para estar em família; recreativo; que transmite paz aos seus frequentadores; que reúne beleza estética, com uma linda vista etc.

No que diz respeito ao Marco das Três Fronteiras, o aspecto principal apontado foi o de que se trata de um ponto turístico importante para aquecer a economia da cidade, sendo o cartão postal da mesma. Na sequência, foi mencionado que o Marco das Três Fronteiras é único no mundo em função de compor uma Tríplice Fronteira. Entretanto, sabe-se que essa afirmação não está correta, pois existem fronteiras tríplices em outros lugares do globo, sendo que, na América do Sul, por exemplo, o Brasil possui 9; a Bolívia, 5; o Peru e a Argentina, 4 e o Paraguai e a Colômbia, 3. Todavia, até mesmo essa desinformação geográfica serve como dado para demonstrar a tendência de valorização do próprio país devido ao forte sentimento nacionalista comum à população. Foi citada também a diversidade cultural que é atraída pelo turismo.

Em terceiro lugar respondeu-se que o Marco das Três Fronteiras se configura em um ponto turístico importante que proporciona momentos de lazer para as pessoas da cidade que desfrutam o local ao ar livre com amigos e família, além da possibilidade de se poder observar os três países ao mesmo tempo e ainda visualizar, por meio do encontro das águas, a união dos mesmos.

Gráficos 9 e 10: Quem mais utiliza o espaço da Costaneira (9) e do Marco das Três Fronteiras (10)



Fonte: Elaboração própria dos autores

Quanto à procedência dos frequentadores da Costaneira, 47% alegaram que tanto os moradores da cidade de *Puerto Iguazú* quanto as pessoas não residentes utilizam o espaço



com a mesma frequência, enquanto que 33%, entendem que os moradores de *Puerto Iguazú* frequentam mais o espaço e, por último, 20% comentaram serem os visitantes de outras localidades os principais frequentadores. Percebe-se que esses dados demonstram uma certa apropriação pelos residentes locais.

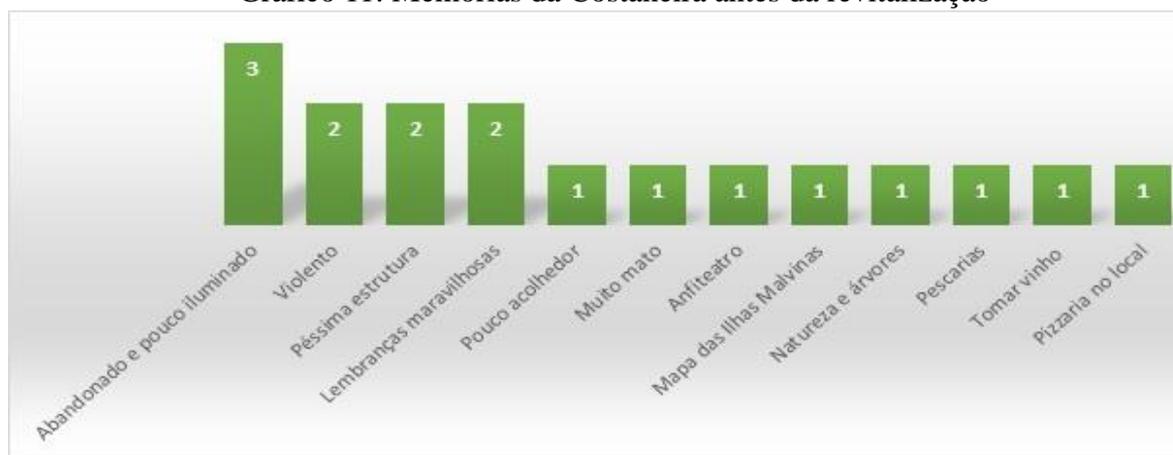
Com relação ao espaço do Marco das Três Fronteiras, 40% argumentaram que o local é visitado na mesma proporção por residentes e visitantes. Por sua vez, 33% afirmaram que os turistas são os principais visitantes e, por fim, 27% entendem que são os moradores da cidade de *Puerto Iguazú* os que mais acorrem a este espaço público.

Assim sendo, torna-se possível concluir que os residentes de *Puerto Iguazú* percebem a Costaneira como um lugar de maior apropriação local em relação ao Marco das Três Fronteiras, apresentando este último um perfil mais turístico. No entanto, ainda que seja possível notar uma grande frequência de moradores de *Puerto Iguazú* em ambos os espaços, o Marco das Três fronteiras encontra-se melhor estruturado com vistas aos interesses econômicos de atendimento ao turista.

No que tange à conservação, especificamente aos cuidados dos visitantes para com os locais, foi solicitado aos entrevistados que se manifestassem neste sentido, sendo que, quanto à Costaneira, 11 respostas apontaram para o fato de que a população busca preservá-la enquanto que se verificaram quatro respostas contrárias. A mesma pergunta foi direcionada para o Marco das Três Fronteiras sendo as respostas nove e seis, respectivamente. O sentimento de identidade e pertencimento ficou mais explícito em observação elaborada por dois entrevistados no sentido de que os residentes cuidam melhor do Marco das Três Fronteiras do que os turistas.

Os gráficos seguintes (11 e 12) se referem às lembranças da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras antes da revitalização dos mesmos, cuja última fase foi concluída em julho de 2015.

Gráfico 11: Memórias da Costaneira antes da revitalização



Fonte: Elaboração própria dos autores



Gráfico 12: Memórias do Marco das Três Fronteiras antes da revitalização



Fonte: Elaboração própria dos autores

A Costaneira antes era um lugar abandonado, feio, pouco iluminado, violento, perigoso e frequentado por ladrões, além de oferecer uma péssima estrutura; essas foram as principais características apontadas pelos entrevistados em suas lembranças anteriores à revitalização. Porém, foram citadas também lembranças maravilhosas vividas em família ou com os colegas após o horário das aulas. Dentre as demais observações verificadas, citou-se que o espaço era pouco acolhedor, mas contava com árvores e natureza abundante, além de que o anfiteatro era diferente e que antes havia o mapa das Ilhas Malvinas no local. Apontou-se também que antigamente as pessoas iam mais naquele local para pescar, tomar vinho com os amigos e que havia uma pizzaria para almoçar e jantar.

Acerca do Marco das Três Fronteiras, as lembranças mais marcantes do período antecedente à revitalização dizem respeito ao descuido para com o lugar, situação essa atribuída também aos residentes em *Puerto Iguazú* que frequentavam o espaço. Entretanto, vários aspectos positivos foram elencados, tais como os passeios realizados pelas escolas com as crianças e mesmo pelos estudantes adolescentes e jovens do ensino médio. Ressaltou-se ainda que se preservou a comodidade e a paisagem proporcionada pelo local e que nos anos 80 e 90 o espaço era chamado “o velho marco” e que o período evoca lembranças maravilhosas de passeios de bicicleta.

Com relação a essas percepções de pertencimento e apropriação de espaço e território, registrem-se as observações de Raffestin (1993):

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 02).



Enfim, pode-se perceber que tanto na Costaneira quanto no Marco das Três Fronteiras, a memória dos lugares, mesmo antes da revitalização, em geral foi positiva, trazendo histórias de vida em momentos diferentes que foram significativas. Sabe-se que, muitas vezes, o que é simples e acessível no cotidiano pode construir uma memória de maior proximidade e identidade, dependendo do valor e significado que se atribui a cada momento vivido.

As transformações nas relações de trabalho ao longo dos séculos, de certo modo, liberaram maior tempo livre para o trabalhador, mas o desenvolvimento das forças produtivas também empreendeu sobre esse tempo uma possibilidade de negócio lucrativo, um valor a ser gasto e agregado para o capital, inclusive para o tempo destinado ao lazer. Logo, na contemporaneidade, ter tempo livre nem sempre pode ser compreendido como ter acesso ao lazer. Dentre outros fatores que explicam essa inacessibilidade, pode-se citar principalmente a impossibilidade para a classe trabalhadora poder fazer frente aos custos financeiros deste direito conquistado.

Sabe-se que o objetivo fundamental do lazer consiste no bem-estar pessoal; momentos de distração ligados à liberdade de escolha, após o cumprimento das obrigações laborais. Portanto, o lazer está diretamente ligado à saúde e à qualidade de vida das pessoas e, nesse sentido, a apropriação de espaços públicos pelos indivíduos é essencial, dada a natureza democrática de seu acesso e a possibilidade de fruição gratuita do tempo livre com qualidade.

Nesse aspecto, o lazer deve ser compreendido não como valor ligado apenas à questão econômica. Logo, constata-se que as cidades devem oferecer espaços e atividades culturais que sejam democráticos para a apropriação das pessoas na ocupação do seu tempo livre. Todavia, pode-se perceber, de um modo geral, o lazer com qualidade tornou-se mercadoria à qual tem acesso apenas a pequena parcela da população que compõe as classes mais privilegiadas que usufruem de “feudos” privados; territórios particulares, sendo os demais indivíduos destinados a espaços públicos dotados de estrutura mínima, preservação e manutenção precárias ou inexistentes. Dessa forma, configura-se o “apartheid social”, ou seja, “a segregação social dos excluídos por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas” (SOUSA SANTOS, 2007, p. 80).

No que concerne à presente pesquisa, os resultados desta pesquisa demonstraram que a Costaneira e o Marco das Três Fronteiras, em *Puerto Iguazú*, se constituem em espaços de memória e identidade. Para além do atendimento ao turista, representam para os moradores da cidade um espaço de sociabilidade, de convívio entre as famílias e amigos. Exemplo disso é um entrevistado que descreveu o Marco como um registro em sua memória afetiva “dos tempos em que ainda era estudante”.

Verificou-se também que a intervenção urbanística realizada nos locais pelo poder público - apesar de alguns pontos negativos levantados passíveis de reflexão e melhorias - integrou a parte urbana da cidade de *Puerto Iguazú* à natureza. Dessa forma, a revitalização, que resultou na criação de espaços polivalentes, revelou-se de suma importância para a população local.

A região da Costaneira e do Marco das Três Fronteiras encontra-se efetivamente apropriada pela população como espaço de convívio, entendida como um patrimônio coletivo



com o qual existe uma relação de pertencimento. Ao mesmo tempo, oferece às pessoas espaços de contemplação do encontro dos três países. Mesmo antes da sua revitalização, além da conexão afetiva construída pelos moradores com esses espaços, há ainda um aspecto simbólico muito presente.

No Marco das Três Fronteiras, ainda que o direito a comercializar nos quiosques esteja nas mãos das famílias antigas de *Puerto Iguazú*, mostrando de certa forma soberania, pertencimento e dominação de alguns grupos sobre outros, por outro lado, os moradores também podem se apropriar comercialmente daquele espaço sem tantas dificuldades, como é o caso dos vendedores ambulantes.

Faz-se necessário ainda destacar que ambos os espaços públicos objetos desse estudo são também frequentados por residentes das cidades em seu entorno, de acordo com Cury (2010, p. 195) essa “fronteira aberta em seus fluxos”, ou seja, um “espaço geográfico único, separado apenas por políticas públicas advindas das três Nações a que pertencem” (CURY, 2010, p. 221), haja vista que “A vida na fronteira mais dinâmica da América do Sul [...] representa uma oportunidade de encontros, confrontos, aproximações e contatos” (DERROSSO, 2018, p. 16).

Por fim, após a realização desse trabalho, constata-se a necessidade de mais estudos sobre a temática dos espaços públicos disponibilizados aos cidadãos, haja vista que esses espaços se constituem em locais democráticos de acesso essenciais para as cidades no tocante à qualidade de vida, apropriação cultural e comercial pelos moradores, sem distinção de classe social.

Assim sendo, a presente pesquisa acredita ter contribuído para que mais estudos dessa natureza possam ser realizados, inclusive tendo como objeto de estudo os demais marcos das Três Fronteiras em questão - territórios brasileiro e paraguaio - na tentativa de compreensão do uso desses espaços com vistas ao lazer e a sociabilidade dos moradores e turistas.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luiz Octavio Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDIN, Eric Gustavo. **A expansão do capital e as dinâmicas da fronteira**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Unesp/Araraquara, 2010, 195 f. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106261> Acesso em: 09 out. 2020.





CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e identidade nacional. In: Martins, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

CURY, Mauro José Ferreira. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI):** interconexões, interdependências, interpenetrações nas cidades da Tríplice Fronteira de Foz do Iguazu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR). Pesquisa defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24222> Acesso em: 09 out. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DE MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DERROSSO, Giuliano Silveira. **Vivências nas territorialidades transfronteiriças do Iguassu (TTI)**. 2018. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Foz do Iguazu. Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3940/5/Giuliano_Silveira_Derrosso_2018.pdf Acesso em: 09 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Revista social, USP**, p. 25-70, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86141/88825> Acesso em: 09 out. 2020.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais: diseños globales: colonialidad, conocimientos, subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid (Es): Akal S.A., 2013. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/11-mignolo-un%20paradigma%20otro.pdf> Acesso em: 09 out. 2020.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso em: 09 out. 2020.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

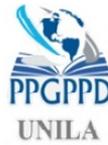
POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> Acesso em: 09 out. 2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.





REVISTA ORBIS LATINA
ISSN: 2237 6976



página 51

RUSSELL, Bertrand. **Elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf> Acesso em: 09 out. 2020.

SILVA, Giuslane Francisca da. Exploração, colonialismo e democracia na América Latina na visão de Pablo González Casanova. **Revista latino-americana de história**, v. 6, n. 17, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/Dialnet-ExploracaoColonialismoEDemocraciaNaAmericaLatinaNa-6238546%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/Dialnet-ExploracaoColonialismoEDemocraciaNaAmericaLatinaNa-6238546%20(4).pdf) Acesso em: 9 out. 2.

VARES, Luiz Paulo Pilla. Fronteiras culturais. In: Martins, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

Recebido em 12/10/2020

Aceito em 29/10/2020



Volume 11, Número 01
Janeiro - Junho
2021



INDEXADORES E BASES BIBLIOGRÁFICAS:



Revista Orbis Latina - Disponível no website <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>